

Cuidados Paliativos: na senda de Cicely Saunders



Maria Cristina Mira Galvão
cristinamgalvao@oninet.pt

Kevin tem vinte e dois anos, é estudante e vive em Nova Iorque; Madeleine tem setenta e nove, é pianista e reside em Bruges; Peter tem trinta e três e reside numa zona rural da Austrália; Siu tem quarenta e cinco, é técnica de laboratório e vive em Hong Kong; Joaquina tem noventa e sete, é roupeira e mora em Lisboa; Robert, sessenta e quatro anos, é médico e habita em Calcutá; Zita tem oitenta anos, é operária e reside em Bath; Pablo, cinquenta e seis anos, é marceneiro e mora em Barcelona.

O que têm estas pessoas em comum? Nada, dirão uns, muito pouco, para além de serem homens e mulheres, dirão outros. E no entanto, se acrescentar que todos têm o apoio de uma equipa de cuidados paliativos, chegareis à conclusão de que todos sofrem de uma doença crónica, incurável, progressiva, sem resposta ao tratamento curativo e que terão, provavelmente, um prognóstico de alguns dias ou meses. Mas se vos falar do António, residente em Baiões, da Ana, residente em Poço, do Bruno, que vive em Tormes, ou de tantos outros cujo nome ou localidade de residência não recordo, provavelmente estarei a referir-me a pessoas com idades e situações clínicas semelhantes, mas a quem não são prestados cuidados paliativos. Têm com certeza cuidados de muito boa qualidade, técnica e humana, no domicílio, no hospital ou no lar, mas não têm cuidados paliativos. "Mas eu faço cuidados paliativos", já estou a ouvir. Provavelmente não, atrevo-me a argumentar. Porque como médica de família também eu faço saúde materna, mas não faço obstetria, faço saúde infantil, mas não faço pediatria, acompanho os meus doentes com diabetes na consulta do programa de diabetes, mas não sou diabetologista, etc., etc.

Tal como em relação a outras especialidades, os cuidados paliativos exigem a aprendizagem de competências próprias e um trabalho que não se compadece com horários burocráticos das nove às dezassete horas, durante os dias úteis. Apostam em

instituem por decreto, pese embora o muito que os dois últimos ministérios têm feito. Há ainda, seguramente, um longo caminho a percorrer - para que os doentes terminais possam, em Portugal, nas grandes e nas pequenas cidades, nas vilas ou no

Tal pode parecer uma tarefa hercúlea, mas não é, decerto, impossível. Há mais de cinquenta anos, em Inglaterra, Cicely Saunders, recentemente falecida (ver <http://bmj.com/cgi/content/full/331/7510/238>), confrontada com as necessidades dos doentes terminais, procurou encontrar soluções que dessem resposta aos problemas desses doentes e das suas famílias. Apontada como umas das fundadoras dos cuidados paliativos, ela própria fundadora do St. Christopher's Hospice, conseguiu introduzir na prática clínica o conceito de "dor total" (considerando o sofrimento nas suas dimensões física, emocional, social e espiritual) bem como a necessidade de providenciar um adequado controlo da dor e de outros sintomas, no respeito pela dignidade do doente.

Um longo caminho foi, desde então percorrido. Nos países anglo-saxónicos e no norte da Europa os cuidados paliativos desenvolveram-se e são, desde há muito, uma realidade. Em Portugal há excelentes experiências pioneiras que podem servir como modelos a replicar, quer a nível hospitalar quer comunitário, desde que adaptados às realidades locais.

A concretização de uma rede de prestação de cuidados aos doentes em fim de vida no nosso país vai levar ainda tempo a alcançar, mas o movimento pelos cuidados paliativos é imparável.

O caminho que Cicely Saunders desbravou é agora mais fácil de trilhar. Haja vontade por parte dos profissionais e das instituições para a necessária mudança, pois os doentes terminais e as suas famílias já abraçaram há muito esta causa.

Cristina Galvão



Cicely Saunders, recentemente falecida, apontada como umas das fundadoras dos cuidados paliativos, conseguiu introduzir na prática clínica o conceito de "dor total" (considerando o sofrimento nas suas dimensões física, emocional, social e espiritual) bem como a necessidade de providenciar um adequado controlo da dor e de outros sintomas, no respeito pela dignidade do doente

equipas que prestam apoio vinte e quatro horas por dia, todos os dias do ano, porque tal como as crianças não têm hora pré-definida para nascer, também os doentes terminais não têm hora marcada para descompensar ou para morrer. Os cuidados paliativos não se

mundo rural, usufruir de cuidados adequados prestados por pessoal treinado que lhes garanta apoio, e às suas famílias, não apenas em relação aos sintomas físicos, mas tendo também em consideração os aspectos psicológicos, sociais e espirituais, no respeito pela cultura de cada um.

WONCA EUROPE 2005

A WONCA decidiu que, neste ano de 2005, o congresso europeu se realizasse em Kós, na Grécia.

Poderíamos ficar pelo comentário de que se trata de mais um local com boas instalações para a realização deste tipo de eventos, não fosse Kós a pátria de Hipócrates, o "Pai" da Medicina. E foi à volta de Hipócrates, dos seus ensinamentos e da relação destes com a sociedade actual, que decorreu o congresso.

Aqueles que lá estiveram puderam aproveitar das sessões científicas e do convívio e troca de experiências com colegas de diferentes países. E não se pense que é necessário uma grande fluência de inglês para se participar. A maioria dos congressistas é, na sua origem,

de países que não têm por base a língua inglesa, o que faz com que se ouça falar com os mais diversos sotaques. O espírito de

entreeajuda é tal, que quando a palavra exacta não aparece alguém ao lado vai dando uma ajuda e mesmo com incorrecções gramaticais conseguem-se salas de trabalho muito participadas.

De um ano para o outro criam-se laços com colegas das mais diversas proveniências e, para além da criação de redes de referência em diversas áreas, outra das mais-valias deste tipo de encontros é o reencontro com os colegas de diferentes países.

De realçar, em particular, o grande desenvolvimento conseguido pelo Movimento

Vasco da Gama, que congrega jovens especialistas e internos e os interessantes debates nas sessões dos grupos Rural (EURIPA) e de docentes e orientadores (EURACT) da WONCA. A sessão sobre cuidados paliativos veio uma vez mais realçar a grande diversidade de práticas existentes, em particular face à autonomia do doente, entre os países anglo-saxónicos e os do sul da Europa.

Encerrado o congresso foi ainda possível participar numa encenação do Juramento de Hipócrates, no complexo de ruínas do Asclepion, descobertas no início do século XX, e que correspondem ao antigo hospital onde, segundo a tradição, Hipócrates terá exercido.

CG

